

GILBERTO FREYRE E FERNANDO ORTIZ: DUAS PERSPECTIVAS DE CONFLITO SOCIAL

Wesley Luiz de Azevedo Dias

INTRODUÇÃO

A nacionalidade vista como configuração histórica é marcada por processos de desenvolvimento de forças sociais, atividades econômicas, arranjos políticos, produções culturais e assim por diante (IANNI, 1987). Nesse sentido, países constituem idiossincrasias determinantes, mesmo desfrutando de algumas características compartilhadas em sua formação. No âmbito do conflito, Cuba e Brasil desenvolveram particularidades muito específicas dentro do quadro latino-americano. A maior influência na determinação da singularidade de cada uma das duas realidades nacionais foi o uníssono da produção açucareira, na pátria de Gilberto Freyre, e o paralelismo entre o Tabaco e o Açúcar, na ilha caribenha onde Fernando Ortiz nasceu.

As duas principais obras desses autores apresentaram abordagens do conflito que destoaram ou acompanharam as narrativas mais tradicionais sobre o choque entre culturas antagônicas. *Casa Grande & Senzala* é uma obra que sofreu com as mais diversas revisões quanto ao seu teor supostamente romantizado, sobretudo pelo paradigma inaugurado por Florestan Fernandes na Universidade de São Paulo. Essa ideia de ausência de conflito pode ser entendida a partir da preocupação Freyreana com a integração harmônica entre as culturas progenitoras da sociedade brasileira. No entanto, tal visão, tão combatida por autores como Ricardo Benzaquen de Araújo e Maria Lucia Garcia Pallares-Burke, apresenta certas fragilidades relacionadas ao caráter extremamente ambíguo e paradoxal desse sistema de conexão conciliatória.

Na obra de Fernando Ortiz, o conflito, assim como todos os elementos presentes na realidade cubana, são dados por elementos vinculados e subsidiários à economia. Seja devido à rigidez da Coroa espanhola ou aos confrontos entre os senhores de terra (hacendados), o Estado Cubano e os pequenos produtores de tabaco (vegueros). O conflito era, de certo modo, sempre perpassado por causalidades de natureza econômica. O país de Ortiz sempre se constrói a partir das dinâmicas criadas entre o “Don Tabaco” e a “Dona Azucar” em

Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar. Essa abordagem do conflito permanece sendo uma das principais lacunas nas análises sobre a relação entre esses dois autores.

O trabalho de Emerson Divino de Oliveira (2012) manifesta a principal peça de comparação entre as obras dos dois autores. Porém, suas preocupações com o traçado das trajetórias intelectuais dos dois pensadores acaba tirando-lhe o fôlego para um aprofundamento maior na dimensão do conflito, sobretudo pensando nas duas obras tratadas na presente análise. Dessa forma, iremos explorar as conexões, especificidades e possibilidades presentes no paralelo entre os dois textos no que tange a essa dimensão.

Certas considerações chegam a ser feitas a respeito da harmonização em Cuba. Para tal intento, o autor introduz noções trabalhadas por figuras preocupadas com a formação nacional da ilha. Um deles, Nicolás Guillén (1902-1989), poeta cubano, apresenta uma forte crítica ao preconceito e marca posição sobre uma pauta integrativa que seja oposta ao segregacionismo americano. Logo, ficava clara a preocupação com a integração do negro e mulato na sociedade cubana (OLIVEIRA, 2012, p. 52-53). A tendência ao desalinhamento com o conflito americano também seria um fator presente em diversos estudos realizados no Brasil.

De fato, a reconstituição do intervencionismo dos Estados Unidos como uma presença constante na história republicana de Cuba acabaria resultando na sua responsabilização pelo preconceito existente no país. Nesse sentido, a influência deletéria do paradigma anglo-saxônico sobre a sociedade cubana, além de introduzir o mesmo segregacionismo, tende a reprimir manifestações em defesa dos direitos das “razas de color”, inibindo organizações baseadas na cor. Esse influxo normativo sobre a ilha caribenha acabaria gerando um racismo que tem mais influência externa do que de sua própria formação histórica. Desse modo, desenha-se um racismo muito mais “exógeno” do que genuíno (OLIVEIRA, 83-84). Isso se coaduna bastante com o juízo feito pelo próprio Fernando Ortiz. Nessa chave de valorização, a nação não produziria nenhuma de suas mazelas autonomamente e, com isso, todos os problemas acabariam sendo manifestações do pé estrangeiro. Essa descaracterização do perfil cubano pela influência exterior formaria um *tópos* frequente nas análises de valorização nacional na ilha e, para Ortiz, demonstraria os contornos de uma constante ideia de “descubanização” (ORTIZ, 1978, p. 76)

Apesar da tentativa de escape por via da exteriorização do preconceito, noções de racismo em Cuba tornaram-se dissimuladas e tênues, tanto no período republicano, quanto no revolucionário. As percepções do negro como inferior passaram do campo econômico para

um campo de percepção e estigma, onde o negro tem menos valor que o branco. Mesmo havendo uma tentativa de criação de cenário igualitário por parte do governo subsistiram dinâmicas de discriminação. Assim se percebe que a sociedade cubana criou, à sua maneira, um "mito" próprio de igualdade e acabou convivendo com os dilemas do preconceito velado (ROBAINA, 2007).

Além da atenção dada por Emerson de Oliveira às relações problemáticas entre os grupos raciais cubanos, certa ênfase é dada no papel dos *tabaqueros* na luta pela independência. A agitação política e a capacidade de profusão de ideias típicas desse universo permitiram que certos impulsos autonomistas fossem formados (OLIVEIRA, 2012, p. 104). Exploraremos esse papel e as tensões existentes quanto ao cultivo latifundiário mais adiante, além de sua convivência com a sufocante hipertrofia do latifúndio cubano.

O autor toca mais levemente na dimensão do conflito em Gilberto Freyre. Para ele, *Casa Grande & Senzala* representaria o rompimento com o paradigma das gerações intelectuais de 1870, se afastando de uma abordagem mais pormenorizada do teor do conflito em sua obra. No entanto, cabe chamar atenção para mesma aversão ao racismo estadunidense presente no trabalho de Fernando Ortiz. Essa brevidade na análise pode ser fruto da maior reflexão direcionada a essa dimensão na obra do autor brasileiro.

A pouca preocupação do autor de *Casa Grande & Senzala* em criar linhas conceituais claras também é um dos fatores que tornam a tarefa de compreender a sua noção de conflito mais complexa. No presente capítulo, a análise tentará dar conta de quatro temas que se sobressaem nas análises das tensões existentes nas respectivas nações. Primeiramente, o paralelo entre os “*hacendados*” e “*vegueros*”, com a disputa por terras e suas relações com o estado. Em segundo lugar, tentaremos entender a família, como lócus de relações ambíguas. Em terceiro, tentaremos compreender a influência estrangeira em Cuba. Por último, observaremos a potência do senhorio no território brasileiro.

A existência de uma organização agrária exclusivista no Brasil e compartilhada em Cuba acabou alinhando as discussões de cada um dos autores. Se Freyre se preocupou em penetrar cada vez mais na esfera familiar, no controle senhorial sobre as vidas dos moradores da grande propriedade rural e no câmbio cultural entre os grupos formadores da nacionalidade brasileira, Fernando Ortiz primou pela crítica ao estrangeirismo, assim como à uma contemplação da disputa entre o latifúndio e a pequena propriedade produtora de tabaco.

1 HACENDADOS E VEGUEROS

Como abordado no primeiro capítulo, Fernando Ortiz promove uma perspectiva de aproximação entre os grupos presentes na formação de seu país. Seu conceito de transculturação, além de ser a principal chave de análise do processo histórico de transformações no universo compartilhado entre o Açúcar e o Tabaco, também concedeu a possibilidade de síntese entre agrupamentos opostos de acordo com paradigmas anteriores da antropologia física. Essa sucessão do encontro cultural acabaria levando à constituição de uma ordem que emerge como uma nova realidade composta e complexa. Extremamente genuína e fruto das influências mútuas trocadas ao longo dessa formulação das sociedades recentes (ORTIZ, 1978, p. 5).

Devido a essa resolução curiosa das questões envolvidas na interpenetração cultural, primando pela delimitação do conceito, *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar* partiu para exploração da relação estabelecida entre os dois produtos básicos da economia cubana. Sua ideia de “paralelismo contrastante” auxilia na abordagem das trajetórias concomitantes do Tabaco e do Açúcar. As derivações impostas pelos dois fenômenos que traduzem mais adequadamente a criação de uma tensão entre seus mundos é a liberdade típica das *vegas* e a escravidão do latifúndio monocultor açucareiro (ORTIZ, 1978, p. 12-14).

O Tabaco surge como fenômeno revolucionário inibidor da opressão e sinônimo de liberalização. Seu caráter tende à autonomia de seu cultivo, assim como à emancipação de seus cultivadores, o que geraria as mais diversas respostas da Coroa Espanhola e da Igreja. Sua produção e consumo foram combatidos e perseguidos. O inverso do acontecido com o Açúcar, cujo negócio nunca fora sequer alvo de menção desonrosa ou alguma coibição de seu fabrico. (ORTIZ, 1978, p. 24)

Se somarmos as assertivas sobre as vantagens conferidas ao cultivo da cana-de-açúcar e a exaltação do paralelismo pacífico existente entre os produtos capitais da economia cubana, identificamos um paradoxo de extrema relevância na análise feita pelo autor. De fato, sua narrativa tendeu à descrição de uma profunda cisão entre o senhor territorial e o produtor autônomo de tabaco. O conflito existente em seu trabalho tem uma forte semelhança com o mesmo paradoxo apontado pela crítica de Ricardo Benzaquen de Araújo sobre algumas das imprecisões presentes em *Casa Grande & Senzala* (ARAÚJO, 1994). Esse fator nos leva a uma das perguntas mais importantes quanto a esse tópico. Se entre *Dona Azucar* e *Don*

Tabaco nunca houve guerra¹, por que a disputa entre o território não pôde ser omitida? Talvez seja justamente a determinação dos ciclos econômicos cubanos que não permite o apagamento da inexorável incompatibilidade entre o latifúndio e a pequena propriedade rural.

Antes de entrarmos na discussão das disputas, cabe um retorno às definições dadas pelo autor à pequena propriedade rural em Cuba. Destinada à produção de tabaco, a *vega* constituiu-se como um núcleo agrário autônomo, em relação à produção de sua *commodity*. O processo posterior à saída do tabaco do domínio dessas unidades agrárias representava uma desqualificação das características cultivadas pelo *vegueros*. A independência da produção da *vega*, ao contrário da autossuficiência latifundiária semi-feudal brasileira, tem relação com o fato de que o pequeno produtor não estava submetido à estrutura industrial ou ao comércio mercantil vindos na esteira do Açúcar. O sistema de produção dos *vegueros* se aplicava a uma lógica imensamente oposta à do mundo da cana-de-açúcar. Isso quer dizer que a estrutura aracnídea do engenho cubano dependia de uma centralidade industrial que era inexistente no contexto do *veguerio* (ORTIZ, 1978, p. 35-36).

Sobre o latifúndio, Ortiz nos deixou a ideia de seu apetite pelo monopólio, elemento que se tornaria fundamental para existência da grande propriedade rural no país. Além da dependência do *hacendado* em relação ao processamento ou refinamento do açúcar o latifúndio dependia de extensas porções de terra para realizar suas atividades plenamente. É exatamente no momento em que a voracidade e expansionismo do cultivo açucareiro penetraram na sociedade, economia e política cubana que a incompatibilidade entre os dois cultivos ganharia força. O latifúndio era, para Ortiz, um epíteto do maquinismo, industrialismo estrangeiro e invasão do capital internacional. Como trabalhado no capítulo anterior, pouca reflexão foi destinada para compreensão do mundo interno do engenho em seu *contrapunteo* (ORTIZ, 1978, p. 53). Desse modo, o latifúndio foi sempre pensado por Ortiz como antítese da *vega*. Sua determinação era dada por essa relação negativa com a unidade de produção *tabacalera* e o próprio mundo do Tabaco.

¹ Argumento defendido por Fernando Ortiz nos finais da seção destinada exclusivamente ao ensaio. É curioso pensar que apesar do momento analítico terminar com a proposição dessa fórmula de conciliação, o trabalho do autor cubano tenha sido tão exaustivo no sentido de cobrir as disputas pelas terras em Cuba

Poucos antecedentes da descrição ortiziana de conflito não tem sua causa na influência deletéria do latifúndio cubano. Em uma chave bem parecida com a crítica à nutrição do brasileiro, feita por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, o autor de *Contrapunteo* menciona o caráter prejudicial do monopólio fundiário para produção de cultivos alimentícios, assim como o fato de que diversas terras não aproveitadas pelos donos de engenho acabavam abandonadas quando poderiam estar produzindo uma profusão de diversas variedades. Isso denuncia o forte controle dos senhores de engenho sobre a vida social na antiga colônia espanhola. A grande propriedade rural cubana sustentou uma classe que tendia à centralização imposta pelo *hacendado* ao mesmo tempo em que introduziu as maiores dificuldades para manutenção de um forte campesinato no país (ORTIZ, 1978, p. 54)

Dentro del sistema territorial del ingenio, la libertad económica experimenta graves restricciones. No hay fincas pequeñas, ni viviendas, que no pertenezcan al dueño del ingenio; ni arboleda de frutales, ni huertas caseras, ni tiendas, ni talleres, que no sean del señorío. El pequeño propietario cubano, independiente y próspero, constitutivo de una fuerte burguesía rural, va desapareciendo; el campesino se ha proletarizado, es un obrero más, sin arraigo en el suelo y movedizo de una zona a otra. Toda la vida del latifundio está ya transida de esa objetividad y dependencia, que son las características de las sociedades coloniales con poblaciones desvinculadas. (FREYRE, 1978, p. 54)

Essa asfixia do camponês foi o gatilho inserido na disputa entre o *hacendado* e o *veguero*. Com isso, a distensão entre os interesses de um e do outro tornou-se mais profunda e irreversível na visão de Ortiz. A limitação territorial Cubana pode ser considerada como um dos elementos mais importantes no agravamento dessas disputas em torno da posse de terras. Se o confronto entre a iniciativa camponesa e o interesse do latifundiário de outrora gerou problemas, pode-se tentar imaginar a proporção do abafamento gerado pela monocultura em uma nação de dimensões territoriais tão reduzidas em comparação às colônias da América do Sul e do Norte. Todavia, o autor insiste em concluir a etapa inicial de sua reflexão em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar* apontando para inexistência de guerra entre os dois cultivos capitais de Cuba.

Segundo o próprio autor, para o açúcar tudo foi favor e privilégio. A partir dessa mentalidade, o *hacendado* conquistou a posição privilegiada e prejudicial sobre a qual a crítica ao capitalismo estrangeiro é feita. Esses privilégios dos grandes produtores de Açúcar remetem ao ano de 1517, quando após cinco anos da conquista da ilha, os senhores obtiveram

a primeira moratória de suas dívidas. Com isso, Fernando Ortiz quis demonstrar que mesmo havendo um forte conteúdo negativo para o povo cubano, a produção sacarífera recebeu privilégio e concessões frequentes por parte dos governos coloniais. Na mesma medida em que o Açúcar foi privilegiado, o Tabaco teve sua produção e consumo coibidos desde os inícios da história de Cuba (ORTIZ, 1978, p. 66).

O que torna essa preocupação de Ortiz mais relevante ainda é a importância colossal que essa monocultura tinha para a economia de seu país. Se o ciclo de café encontrou seu declínio no Brasil, já no século XIX, em Cuba, sua permanência seria central na economia durante grande parte do século XX. Desse modo, o açúcar representou um elemento nevrálgico na construção dos conflitos nacionais durante grande parte do histórico colonial e pseudo-independente do país. Tal fator se agravou na medida em que observa-se o caráter totalmente estrangeiro do engenho cubano. Tal aspecto será trabalhado na seção sobre a crítica à crescente influência estrangeira.

O fato de que o açúcar parece gerar o conflito sem submeter os cultivos à uma luta aberta entre os *hacendados* e *vegueros* é justificado por Ortiz ao abordar as rusgas internas de cada um dos integrantes do binômio nacional cubano, ou seja, seus fenômenos econômicos. Para o autor, o argumento da paz entre a produção de Açúcar e a de Tabaco é sustentada pelo relato das disputas que esses ciclos vivenciam entre os diferentes modos de elaboração. O tabaco, por exemplo, tem na disputa entre os *vegueros* e os *tabaqueros* um de seus principais elementos conflituosos. A luta entre os dois cultivos tem em seu centro o debate sobre a qualidade da produção. Cabe notar que enquanto o *veguero* foi dominado pela mão-de-obra branca, a comunidade tabaqueira tendia a ser constituída por “gente de cor”. O autor se posiciona ao longo de todo texto em favor do trabalho típico da *veja* (ORTIZ, 1978, p. 78). Esse paradoxo entre uma exaltação da integração do negro e a desqualificação de suas habilidades continuaria sendo marcante.

No que tange ao universo do Açúcar o principal embate foi o constituído pela disputa entre o refino a partir da cana-de-açúcar e a beterraba (ORTIZ, 1978, p.88). Quanto a esse, a guerra era bem mais relevante no âmbito externo do que dentro da sociedade cubana. No entanto, as rápidas tentativas de transportar o eixo de um conflito entre os *hacendados* e *vegueros*, determinado pela voracidade do latifúndio, tendeu a falhar na medida em que trouxe ambiguidade à dimensão explorada no conflito. Em outras palavras, apesar de retirar o

holofote da asfixia da *vega*, Ortiz não conseguiu eliminar a ressonância da influência perversa do açúcar sobre a sociedade cubana, determinando as vicissitudes de seus confrontos.

2 POTÊNCIA DO SENHORIO

A classe senhorial gozou de amplos privilégios ao longo do período colonial. Sua autonomia permanecia como o principal resquício de seu poder sobre as dinâmicas internas do latifúndio brasileiro. Além disso, a incapacidade e indiferença apresentadas pela metrópole também representaram importantes elementos na equação que resultou no caudilhismo de nossa estrutura de produção colonial². Com isso, poucas foram as iniciativas de frenagem do crescente controle senhorial sobre a população do país. Sergio Buarque de Hollanda indica que apenas o descobrimento de metais e rochas valorizados em Minas Gerais atuou de modo a tirar a Coroa Portuguesa de seu perene desleixo em relação ao controle de seus domínios³.

Um dos principais desafios na análise da obra de Gilberto Freyre é extrair elementos típicos da dimensão do conflito. Para autores, como Ricardo Benzaquen de Araújo, *Casa Grande e Senzala* apresenta uma estrutura que tende a certas conclusões duais. O universo descrito por esse trabalho tende a constituir-se simultaneamente como tártaro e elísios, sendo que a companhia mais frequente aos atributos cruéis tendeu a ser a suavidade e integração. Desse modo, além da bipolaridade intencional da narrativa, o estudo ganha uma forte indefinição (ARAÚJO, 1994, p. 38).

É nesse sentido de prevailecimento do caráter pacífico e brutal que a força do grande senhorio ganhou importância no relato sobre a vida social no mundo latifundiário. Esses senhores atuaram no sentido de inserir os elementos de rigidez e vulgaridade, ao mesmo tempo em que introduziam os componentes que trouxeram aspereza à docilidade do quadro idílico imputado à produção de Freyre. Sendo assim, tal qual na obra de Fernando Ortiz, o senhor de engenho brasileiro atuou como o principal instigador da dimensão conflituosa (ORTIZ, 1978). No entanto, em seu trabalho, particularmente nos traços dessa concepção, Freyre partiu de uma perspectiva muito mais ligada aos comportamentos cotidianos dessa

² Autores como Oliveira Viana e Martins de Almeida sinalizam esse tipo de sentido na formação do sistema agrário brasileiro

³ Um dos principais argumentos presentes em *Raízes do Brasil* de 1936

elite agrária do que de uma crítica ao *ethos* açucareiro da época. Esse talvez seja um dos elementos mais distintivos na abordagem do senhorio monocultor.

O senhor de engenho no Brasil sempre foi brasileiro, pelo menos no relato de Freyre. Isso quer dizer que apesar do caráter prejudicial de sua atuação sobre a formação social, ele nunca representou uma manifestação da aversão à influência externa. Ao contrário, pode-se perceber que mesmo apresentando um grau elevado de nocividade à integração entre os grupos fundadores da nacionalidade brasileira, o senhor foi representante de algo que era fundamentalmente típico do país. Mesmo sua crueldade veio a ser componente genuíno do encontro que viria a formar seu padrão cultural.

No caso de *Casa Grande & Senzala*, as raízes do senhorio são conectadas diretamente com uma herança lusitana. O que seria a “plasticidade” do português se não uma parte do plano de práticas tão perpetrado pelos senhores sob a quartela da Casa Grande. Essa plasticidade somada ao seu total controle sobre as vidas de seus familiares, empregados e cativos serve de motor para bárbaras repressões e crueldades impostas aos “índios” e negros. Na análise de Freyre, o vínculo do poder do senhorio esteve fortemente ligado com suas ideias sobre o desencadear de uma cultura moral⁴. Além da capacidade de amálgama dada pela miscibilidade portuguesa, um segundo componente menos nobre acompanhou o contato amplo realizado pelos senhores. Esse foi a sua total disposição das vidas sob sua autoridade.

O uso do negro como catalisador da vulgaridade senhorial, a tirania imposta na dimensão familiar, a libertinagem escravocrata, a crueldade das senhoras contra as negras e a violência sexual marcaram a determinação das predisposições para “equilíbrio de antagonismos” Freyreano (FREYRE, 1987). Desse modo, grande parte dos valores negativos envolvidos na equação integrativa tem relação com o senhorio e seu poder. Os maus hábitos dessa camada da população colonial é que desencadearam o conflito na colônia portuguesa.

O poder senhorial no Brasil era de tal modo garantido que lhes permitia uma existência disposta à constante prostração e inércia. Sendo assim, toda sua energia era lançada aos abusos sobre os quais tinham prerrogativa na maior parte do tempo. Esse costume da aristocracia rural era tão profundo que transformaria os corpos dos senhores em formas

⁴ Cultura e moral são inclusive termos usados de modo ambíguo na obra de Freyre. Em vários momentos, junto com a ideia de raça, tais concepções adquirem polissemias que levam a um grau de imprecisão ou mistura que geralmente culminam nos três se tornando sinônimos.

resumidas à sua virilidade. Apenas o sexo se mantinha arrogante e viril enquanto seus hábitos se resumiam a uma “vida de rede” (ORTIZ, 1978, p. 445-446)

Nesse sentido, percebemos um acentuado deslocamento das análises das duas obras tratadas. Enquanto Fernando Ortiz apresentou uma dimensão direcionada à crítica política da crescente intervenção, Gilberto Freyre atendeu mais prontamente aos grupos específicos, ou seja, teve uma crítica direcionada aos hábitos sociais e morais. A crítica ao poderio dos senhores se concentrou na esfera da moralidade assim como o encontro se focou nas dimensões mais grupais. Dessa maneira, a preocupação de Freyre atendeu às necessidades de uma leitura consonante com a realidade e o contexto brasileiros determinados pelo mundo do açúcar.

3 A FAMÍLIA BRASILEIRA

O que seria de *Casa Grande & Senzala* se não um tratado robusto e detalhado sobre a dinâmica de retroalimentação entre dois institutos “de fundo” presentes no mundo da produção de cana-de-açúcar. A casa grande do engenho de cana e a senzala foram protagonistas num processo intenso de interpenetração, acomodação, aproximação, adaptação e assimilação que culminaram na formação de uma dinâmica interna da família que não só suprimiu o Estado, como também a própria Igreja. Esse universo domiciliar englobou as dimensões de nosso conflito nacional ao permanecer no centro das análises feitas por Gilberto Freyre em relação às dinâmicas do latifúndio monocultor.

O vínculo entre a família brasileira e o processo de produção tornou-se um dos principais elementos formadores das atividades econômicas e das relações sociais de nossa sociedade. Em suas primeiras fases de formação, o Brasil se viu submetido à influência preponderante desses pequenos *locus* de formação social e suas relações pautadas nas ligações pessoais. Nesse sentido, a organização nacional tem a casa como um de seus principais pontos de apoio. Junto à importância preponderante do ambiente domiciliar, o latifúndio torna-se a verdadeira unidade social presente na sociedade brasileira⁵.

O engenho, em sua junção sincronizada entre casa grande e senzala, é o provedor de um primeiro esboço de Brasil, um país mais autêntico e relacionado com as suas noções mais

⁵ Ideia trabalhada anteriormente por autores preocupados com os rumos políticos do Brasil frente a um sistema latifundiário de organização, como Sergio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, e Martins de Almeida em *Brasil Errado*

genuínas. Além disso, a hipertrofia da casa e da família atingiu uma dimensão tão extensa que influenciou o próprio perfil miscigenado da população do país. Sendo evidente que, todo intercuro sexual aconteceu sob a tutela das estruturas típicas do modo de produção açucareiro e, sob elas, suas vicissitudes foram construídas.

As dinâmicas inseridas no universo familiar se confundiam com as características típicas do regime hierárquico escravocrata. Com o pai, feito senhor, no topo, seguido de sua esposa e filhos, submetidos ao império de sua vontade. Aos escravos, Freyre conferiu um status analítico que o introduzia nesse convívio íntimo. De fato, a ética religiosa portuguesa retorceu-se de modo a dar cabo da realização da figura do escravo sob a alcunha de protegido ou infante ignaro e dependente. Essa relação ambígua constituída entre negros e branco gerou comentários de mesma ordem, indo do choro do cativo em face da inexorável incerteza gerada pela morte dos senhores ou a crueldade das sinhás em relação às “pretas” que disputavam as graças do marido (FREYRE, 1987, p. 452-453).

Essa cumplicidade das sinhás, na dominação patriarcal, apesar de não aprofundada, demonstra o quanto a visão de Freyre abria espaço para existência de leniência em relação à tirania desencadeada pelo sistema senhorial masculino (ARAÚJO, 1994, p. 178-179). Enquanto isso, a constante exaltação da síntese demonstra a tendência à aproximação típica da cultura brasileira. Grupos opostos desenvolvem opções alternativas ao conflito e segregação por meio do contato sexual e íntimo, gerando uma realidade onde o amortecimento de choques possibilita a harmonia e mobilidade social peculiares ao Brasil (FREYRE, 1987, p. 89).

Nesse ponto de vista, o autor brasileiro demonstra seu anti-americanismo. Um sentimento muito mais voltado à crítica de um plano de relações raciais cuja matriz de diferenciação se baseia em critérios tão duros quanto os dos Estados Unidos. Foram inúmeros os relatos que deram conta da experiência de Gilberto Freyre no *Deep South* americano⁶. Sem dúvidas, essa experiência trouxe ao autor uma perspectiva de constante comparação entre as duas realidades. Essas duas sociedades constituem um universo de semelhanças e distinções proporcionais e servem em vários momentos como o fio condutor da noção Freyreana de “amortecimento de choques”.

⁶ Pallares-Burke é uma das autoras que descrevem o testemunho do assassinato de um negro em sua viagem pelo interior dos Estados Unidos

O puritanismo protestante típico da colonização da América do Norte, o sistema escravocrata do Sul dos Estados Unidos, a inferioridade dos contingentes negros africanos trazidos à empresa monocultora local⁷ e a incapacidade por parte do colonizador em confraternizar com os grupos dominados foram elementos que somados levaram as colônias inglesas à um propósito de insulamento e antipatia entre grupos muito diverso do exemplo brasileiro. A influência de técnicas de produção, como a monocultura, assim como a ética do trabalho, baseada na escravidão aproximavam, no entanto, algo tipicamente constituído no encontro brasileiro possibilitou a leveza de nossos confrontos em comparação com os dos vizinhos ao norte.

Por outro lado, os excessos sexuais personificados na mentalidade predatória do senhor geraram um conflito que se deslocou em um contínuo processo de contato sexual, sobretudo do negro escravo e do branco colonizador. A predileção senhorial pela “preta” tornou-se o resultado final de um longo regime de condicionamento que buscava posicionar o negro, sobretudo a mulher, sob a sombra de uma existência de objetificação. Em *Casa Grande & Senzala*, esses contingentes acabam seguindo em um círculo vicioso de “libidinagem”, onde o escravo torna-se o catalisador da vulgaridade e dos impulsos do mestre. É com essa dinâmica truncada, confusa e, em certos momentos, paradoxal que o conflito se reveste (FREYRE, 1987, p. 370).

O caráter recíproco da influência também foi uma das características mais marcantes no trabalho do autor brasileiro. De certo modo, os dois grupos estavam imbricados em uma performance dotada de diversos vetores de formação. Com isso, o escravo vulgarizado pela conduta opressora do senhorio atuava sobre a formação dos meninos indiretamente transformando-os em figuras típicas do universo escravocrata e antiético. A violência sexual dirigida à negra era amaciada pelo contato íntimo (Idem, 1987, p. 443). A tentativa Freyreana de dar conta dessas ambiguidades acabou gerando uma extrema sensação de imprecisão em sua análise (ARAÚJO, 1994, p. 38). De fato, sua busca pela essência de nossa formação o leva a retratar um mundo que apresenta características dúbias. Um mundo que apresenta-se como paraíso e inferno simultaneamente, mas que tende como nenhum outro à uma conclusão

⁷ Freyre se detém à exaltação dos contingentes africanos trazidos ao Brasil. Para ele, O Brasil contou com os indivíduos mais elevados de seu continente. Os Fula Fulos, grupo predominante no nordeste do país, são exemplo de estirpe elevada entre os diversos contingentes escravizados trazidos ao continente americano.

harmônica e coadunada através da aproximação constante observada nas dinâmicas internas do latifúndio.

Quando falamos em miscigenação na obra de Freyre, acabamos por fazer referência, justamente, ao elemento corretor da distância social existente entre a casa grande e a senzala. A formação da população caminha com o processo de amaciamento das fronteiras “culturais” ou “raciais”. Tal amaciamento é engendrado através dessa vida sexual da família brasileira, vista como encontro harmônico entre partes que, mesmo compondo um sistema escravocrata, dão origem à um mestiço valorado positivamente.

Sendo assim, *Casa Grande & Senzala* apresenta o caráter plástico e pouco vinculado ao insulamento a partir de uma consciência de raça, isolamento típico da Europa além Pirineus. A volatilidade sexual, assim como, a condescendência cultural do colonizador português abriram as portas para algo que seria uma das principais condicionantes criadoras das idiosincrasias da nossa colonização. Somadas às cargas e repertórios culturais do índio e do negro, além da precaução moral jesuítica, a sociedade colonial brasileira é formada.

Cabe ressaltar que, esse conceito de família carrega com ele prerrogativas que não tem, necessariamente, relação com os padrões conjugais e de núcleo de convivência baseado nos afetos. Entende-se família como um processo de relacionamentos envolvidos em uma lógica ou dinâmica aquartelada pela estrutura do engenho ou latifúndio e, de certo modo, parasitária desse modelo patriarcal de uso fruto das mulheres disponíveis.

Junto à essa relevância central do componente português, a influência da moral católica, já tornada menos dura e conflituosa pelo contato anterior com o árabe, traz um tipo de justificação religiosa que se opõe em muito ao puritanismo protestante de alguns dos povos europeus não-ibéricos. Para além disso, o nosso padrão religioso, tornou-se, bem cedo, um instrumento auxiliar da estrutura de domínio da casa grande na história de formação da sociedade brasileira e, dessa forma, transformou a própria religião em uma extensão dos traços da família. Assim, a família brasileira do latifúndio açucareiro submeteu inclusive o divino ao seu arcabouço de elementos, o celeste passou a ser parte do doméstico e afetivo.

Todos esses processos indicam a existência de uma realidade de rivalidades extremas e tensões irreconciliáveis, no entanto, todos esses conflitos acabam sendo acompanhados de antinomias sociais que culminam na formação de um equilíbrio tipicamente brasileiro. Ao domínio do homem português, se contrapõe a penetração da cultura africana e indígena no viver da sociedade brasileira. Às brutalidades do escravismo, se confronta a amabilidade dos

afetos familiares e a proximidade no convívio. À evidente separação entre casa grande e senzala, contrapõe-se um mundo borrado de relações, fenótipos e hierarquias. O Brasil constitui-se como um domínio de “equilíbrio de antagonismos”, tendo na relação entre senhor e escravo o seu tipo mais profundo de apaziguamento.

Para além desse equilíbrio, quando se refere tanto à influência do negro, quanto à do índio, Gilberto Freyre acaba classificando hierarquicamente esses dois grupos. Essa classificação acontece em relação à sua influência e ao seu potencial construtivo dentro do ambiente familiar. Desse modo, o índio está sempre conectado à absorção de medidas de higiene mais regulares, conhecimento profundo sobre as características tropicais, domesticação sofisticada de animais companheiros, toda mítica e magia plantada mais subjetivamente na imaginação das crianças, dentre outros tantos elementos. (FREYRE, 1933)

Fica evidente na obra que os três grupos atuam na formação do Brasil tal qual conhecemos, no entanto a hierarquia no que tange a ascendência da família acaba impondo-se a essa triangulação mais grossa. Isso se deve à centralidade do português, que age como a espinha dorsal desse processo. As influências de negros e índios são adjacentes e, mesmo entre si, não apresentam status iguais. Haja visto que o negro adentra na estrutura, mentalidade e costumes do povo brasileiro de um modo muito mais intenso e generalizado do que os povos autóctones.

4 A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

O ponto central da predileção pelo Tabaco, expresso claramente nas páginas do livro, tem relação com a forte conexão que o produto mantém com uma ideia de autonomia cubana. Toda narrativa foi estruturada de modo a dar visibilidade ao potencial emancipatório do cultivo dessa planta gramínea. No entanto, esse enfoque positivo sobre o negócio tabaqueiro tem uma sólida afirmação na dimensão concreta da indústria local. Isso deveu-se ao fato de que Cuba dominou totalmente o processo de produção dessa mercadoria específica. Sendo assim, houve uma exclusividade evidente que foi desde o cultivo até a finalização de cigarros e charutos. O Açúcar, diferentemente, muitas vezes tinha seu refino completamente realizado no exterior, denúncia mais evidente do vínculo forasteiro de seu negócio (ORTIZ, 1978, p. 32).

A especificidade da produção de tabaco requer atenção redobrada durante todo o processo, pois sua qualidade tem relação estreita com o tipo de cuidado e a intensidade do

zelo conferido à sua execução. Essas características seriam alcançadas única e exclusivamente pelo *veguero* do país, que passou a produzir os melhores charutos do Mundo. A partir de então, a nacionalidade dessa mercadoria passou a ser sinônimo de excelência e apuração. Ao redor do globo, o *habano* original tornou-se símbolo de qualidade, vinculando-se também ao prestígio de seu consumo. As dificuldades para chegar ao resultado desejado foi fruto da relação de constante alerta que transformou o cultivo do tabaco cubano em um dos mais complexos de todos.

Com o tabaco, o país caribenho deixa de ser apenas o cultivador e acaba se tornando a unidade capitânia de um ramo industrial inteiro. O solo cubano também deixa de ser o recurso central e dá lugar à grandeza e habilidade de seu povo, assim como a excepcionalidade de seu gênio produtivo. Assim, como símbolo da autonomia de um povo, o tabaco representaria a resistência cubana ao investimento intervencionista tanto dos colonizadores espanhóis quanto do imperialismo moderno dos Estados Unidos. De qualquer dos elementos econômicos envolvidos na independência do país do domínio externo, o tabaco, devido ao seu grau de capilaridade no território, foi a maior esperança no enfrentamento do poderio estrangeiro em no país caribenho.

No entanto, uma resistência poderosa acaba se formando contra a influência benéfica desse produto para afirmação nacional. Fernando Ortiz manifestou o mesmo sentimento anti-capitalista que vinha sendo comum em meio ao pensamento da geração do final do século XIX, insatisfeita com os rumos republicanos e a dependência em relação aos Estados Unidos. De certo modo, todo arranjo da produção cubana, a partir da concentração de terras e de mão-de-obra, foi fruto da concentração capitalista e interesse econômico voraz. Sua crítica ao estrangeirismo se coadunou, dessa forma, com a condenação da crescente influência do capital internacional no país (ORTIZ, 1978, p. 54).

O embate gerado por esse constante incentivo à concentração, monopolização e privilégio criou uma das mais profundas cisões no meio social cubano, como tratado anteriormente na querela entre *hacendados* e *vegueros*. Sendo assim, o estrangeirismo atua de modo a construir um cenário de favorecimento do latifúndio em detrimento da pequena propriedade familiar típica do negócio tabaqueiro. A máxima de que “o açúcar foi a escravidão, o tabaco a liberdade” adquire contornos extremamente amplos se pensarmos nos vínculos traçados a partir da fobia externa desenvolvida no pensamento cubano da primeira parte do século XX. Na medida em que o Açúcar representa filosoficamente uma noção de

escravidão, introduzindo uma subserviência ao julgo externo, o Tabaco caracteriza um arauto de liberação muito vinculado à reafirmação da independência nacional (ORTIZ, 1978, p. 60).

Segundo a análise de Ortiz, o Tabaco sempre foi mais cubano que o Açúcar. O tabaco surge como fruto legítimo do Novo Mundo enquanto o refino do açúcar é trazido do Velho Mundo. Sendo assim, o primeiro é mais cubano por nascimento, espírito e economia. Desprivilegiado pelo interesse capitalista unicamente por ser um ramo de atividade que não apresenta um potencial de enriquecimento semelhante ao da cana-de-açúcar (ORTIZ, 1978, p. 60). A questão que agravou ainda mais a tensão existente entre o latifúndio e a pequena propriedade é justamente esse vínculo do avanço da concentração de terra e o capital internacional.

O Açúcar, realmente, representa uma rede de dependência com o centro no exterior. Isso quer dizer que mais do que um produto exógeno, o cultivo monocultor açucareiro significou a desnacionalização das próprias oligarquias cubanas, cujo processo de descaracterização do engenho gerou consequências sociais e econômicas. Nesse sentido, há a emergência de uma plutocracia estrangeira que acaba governando a vida econômica da ilha. Esse estrangeirismo da indústria açucareira atinge os níveis mais altos na medida em que a influência dos Estados Unidos cresce sobre a Cuba Republicana. Essa transformação da economia do país pareceu tão intensa aos olhos de Fernando Ortiz que ele não pôde deixar de chamar atenção ao fato de que mesmo Porto Rico, território submetido formalmente ao controle americano, não superava o estrangeirismo da indústria açucareira de seu país (ORTIZ, 1978, p. 61).

Um dos fatores que podem ter atuado de modo preponderante para a inexistência de um modelo de convívio social agrário como o brasileiro, pode ter sido a relação de crescente desaparecimento do senhorio do meio rural. De fato, antes mesmo da internacionalização da propriedade do engenho, o desaparecimento do *hacendado* havia deixado o meio rural aos cuidados de terceiros. Previamente ao domínio estrangeiro, fora constatada a presença de uma elite agrária cubana que há muito não se encontrava habitando os latifúndios. O *ethos* típico dos senhores territoriais cubanos vinculava-se à um forte deslocamento em relação aos seus domínios. Esses grandes proprietários foram os primeiros forasteiros a controlar a produção de açúcar (ORTIZ, 1978, p. 62).

Sendo assim, temos uma reordenação no que compete à transmissão de riquezas no país caribenho. Ortiz demonstrou essa fuga através do fim da devolução dos excedentes

gerados pela produção do açúcar. Isso quis dizer que a oligarquia agrária ausente, passou de um desaparecimento progressivo para um em que tais indivíduos já nascem estrangeiros e distanciados. Essa ausência dos indivíduos que detinham o controle da produção da cana-de-açúcar tornou-se cada vez maior ao longo do tempo. Seus traços ficaram mais permanentes, assim como sua administração se tornou mais distante e estrangeira. Disso, resultou um dos efeitos mais nocivos na superação social do país. Seu vínculo fixo com os interesses de forças exteriores (ORTIZ, 1978, p. 63).

Cabe ressaltar que o deslocamento da aristocracia rural do território agrário para a cidade, foi tratado anteriormente por alguns estudos brasileiros. Na primeira edição de *Raízes do Brasil*, a análise de Sergio Buarque de Hollanda contempla a crescente saída do senhorio das casas grandes para a vida urbana (HOLLANDA, 1936). Parte dessa lógica também esteve inserida em *Sobrados e Mucambos*, onde a nação do senhorio passa às mãos dos bacharéis (FREYRE, 1936). Podemos notar o curioso fato de que ambos escritos são datados do mesmo ano

O retrato do conflito acabou sendo ditado através da aversão sistêmica em relação ao intervencionismo externo, demonstrada em *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Esses elementos vinham sendo maturados no seio da sociedade cubana em grande medida devido à exploração estranguladora do país por parte das nações que exerceram controle sobre a ilha. O patriotismo cubano de Fernando Ortiz veio na forma de denúncia do caráter sugador estrangeiro e, dessa forma, culminou na crítica aberta à voracidade capitalista moderna. Sua influência prejudicial sobre a independência nacional tornou-se o fio condutor de sua reflexão, trazendo o tom político do “paralelismo contrastante” do Tabaco liberador e o do Açúcar escravizador.

Desse modo, a cana-de-açúcar foi responsável pela vassalagem a qual Cuba foi acorrentada. Sua produção seguiu sempre o sentido externo, sendo, eminentemente, feita para o estrangeiro (ORTIZ, 1978, p. 77). Enquanto o cultivo do tabaco desenvolveu-se no sentido de enaltecimento da capacidade nacional, a produção açucareira representou a satisfação do apetite desse mercado internacional por mãos e terras cubanas. Tal relação acabou por refletir a visão de contraste marcante na sociedade cubana e assim as delimitações de uma tensão mais sutil que a rusga entre os *hacendados* e *vegueros*.

No entanto, é importante que compreendamos que nessa esfera tratada na presente seção, a ausência de um confronto direto é um outro elemento preponderante. Como em *Casa*

Grande e Senzala, a obra de Ortiz tenta identificar sutilezas típicas do conflito em sua realidade. A presença de todos os contrastes entre os produtos capitais da economia cubana não foi traduzida em conflitos. Mesmo a crítica ao estrangeirismo torna-se secundária frente à tendência à conciliação fruto dessa distinção. Sendo assim, o contraponto entre o Açúcar e o Tabaco, que nunca fora transformado em luta, tende a gerar um casamento. Dessas bodas o fruto seria o álcool, filho do espírito satânico da planta gramínea e da doçura açucareira. Assim, se formaria a trindade cubana e o fim desse *contrapunteo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Martins de. *Brasil Errado: Ensaio político sobre os erros do Brasil como país*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: 34 Editora, 1994.

FERNANDES, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980

HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IANNI, Octavio. *A questão nacional na América Latina*. São Paulo: Estudos Avançados, 1987.

OLIVEIRA, Emerson Ribeiro Divino. *Gilberto Freyre e Fernando Ortiz: Cultura, Identidade Nacional e História (1906-1948)*. Banco de dados de tese – UFG, 2012 .

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: ed. Ciências Sociales, 1978.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre e a Inglaterra: Uma história de amor*. Tempo Social, 1997.

ROBAINA, T.F. *A luta contra a discriminação racial em Cuba e as ações afirmativas: convite à reflexão e ao debate*. Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. Brasília, 2007.